

JESUS E AS TRADIÇÕES APOCALÍPTICAS DE ISRAEL

Valtair Miranda

Este ensaio está dividido em dois momentos. Num primeiro, apresenta-se aquilo que poderia ser chamado de tradições apocalípticas de Israel. Numa segunda fase, o movimento de Jesus e sua relação com essas mesmas tradições.

A apocalíptica no contexto do judaísmo

A expressão *apocalipse* é traduzida nas bíblias em português como *revelação*. Sua forma verbal significa revelar, fazer conhecer, manifestar, fazer aparecer¹. Essa palavra foi usada na abertura do último livro do Novo Testamento: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando-as por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João” (Ap 1,1).

Por ser a palavra de abertura, ela acabou dando nome ao livro de João de Patmos. Mas não há no contexto do livro qualquer sinal de que o termo “apocalipse” tenha sido usado para se referir a um tipo específico de literatura, ou um gênero literário definido. Ou seja, classificar um livro como *apocalipse* é coisa dos tempos modernos. Os antigos não faziam isso. Como Collins argumenta, “um ‘apocalipse’ é simplesmente aquilo que estudiosos podem concordar chamar de ‘apocalipse’”².

Mas se não havia um gênero afirmado como tal, existiria uma corrente literária que tenha produzido textos semelhantes ao Apocalipse de João, para que possam ser chamados de *apocalipses*, e seus autores *apocalípticos*? Ainda: será que esses livros que se parecem com Apocalipse de João poderiam apresentar elementos distintivos recorrentes suficientes para que possam ser apontados como inseridos numa mesma tradição literária, constituindo um gênero reconhecível? Collins, mais uma vez, responde positivamente. Para ele, um apocalipse é

um gênero de literatura de revelação com uma estrutura narrativa, na qual a revelação é mediada por um ser sobrenatural para um agente humano, revelando uma realidade transcendente que é tanto temporal, à medida que considera a salvação escatológica, quanto espacial, à medida que envolve outro mundo sobrenatural³.

1. Carlo Rusconi. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 66.

2. John J. Collins. “Introduction: towards the morphology of a genre”. In: *Semeia*. Atlanta, 1979, n. 14, p. 2.

3. John J. Collins. *The apocalyptic imagination: an introduction to the Jewish matrix of Christianity*. New York: Crossroad, 1989, p. 4.

A partir desta definição, então, só dois apocalipses se levantam dentro da Escritura cristã: um na primeira parte (Daniel 7–12) e outro no final da segunda parte (Apocalipse de João). Entre eles, muitos outros autores utilizaram a mesma forma de se expressar sobre o mundo, produzindo apocalipses, apesar de em seus contextos primeiros não serem conhecidos tecnicamente por esse nome. Qualquer um deles, ao ser interrogado, tenderia a responder: “eu sou um profeta”. Apesar de possuírem consideráveis diferenças quando comparados com os representantes da profecia clássica de Israel, esses autores formam e constituem as tradições apocalípticas dos diversos grupos judaicos.

As tradições apocalípticas de Israel

As diversas correntes apocalípticas expressam-se de forma a fundir astrologia com astronomia. A preocupação era entender a ordem do universo, os segredos da criação do mundo, e como os astros do universo poderiam interferir no mundo das pessoas. Posteriormente, as descrições celestiais se tornaram mais rebuscadas. As especulações em torno do mundo celestial geraram as descrições dos céus, dos seus personagens, bem como do trono ou carruagem de Deus. Nessas obras, Deus aparece tão distante das pessoas que necessitará de toda uma constelação de seres para fazer a ponte entre o mundo dos homens e o seu trono.

A história também está em torno dessa visão de Deus. Para eles, Deus é soberano sobre a história, e a controla completamente. Ele criou o universo e está dirigindo a história para o seu fim. Com a preocupação histórica, surgiu a necessidade de sistematizá-la em períodos ou etapas, para indicar o controle de Deus sobre ela, bem como situar o leitor do livro no lugar em que se encontra no esquema histórico geral. Isso, bem como a estratégia de profecia *ex eventu*, propiciava ao visionário a possibilidade de apontar os acontecimentos que estariam por vir. Sua visão histórica, por ser sistematizada, revela-se predeterminada. É uma forma cética e negativa de entender o contexto. Não há muito que o ser humano possa fazer, a não ser aguardar a intervenção de Deus para trazer o seu reino. Apesar desse esquema ser eminentemente pessimista, ele trazia um certo conforto para a audiência das comunidades em torno dos apocalipses. A história estava predeterminada por Deus. E dentro em breve ela chegaria ao fim. O sofrimento não iria continuar por muito mais tempo.

Já a escatologia desses textos poderia ser dividida em três atos salvíficos: Deus criou, organizou e estruturou todas as coisas. Isso levará a história a seu termo, bem como à implantação do Reino de Deus no futuro. Dentro desse tema, os apocalipses registraram:

– As dores de parto messiânicas. Para que o fim da história humana chegasse ao seu termo, eram necessárias as aflições dos últimos dias. Eram dias em que o mal perseguiria como nunca antes o povo de Deus, já prenunciando que os seus dias estariam no fim. Para eles, um pouco antes do fim, dias muito sombrios precisavam acontecer (como os seus próprios tempos). Uma grande tribulação viria antes do Reino de Deus;

– Sobre o Reino de Deus, três perspectivas gerais se sobressaem. Um reinado na Terra transformado; um reinado temporário na Terra, seguido do reinado definitivo; e, em alguns momentos, um reinado completamente transcendente;

– A transcendência da morte. Os apocalipses exprimem a crença de que haveria algo mais após a morte, baseando essa perspectiva no caráter de Deus. Paralelo a isso, havia a convicção de que a outra vida era muito superior à vida cotidiana;

– Junto com a perspectiva da vida após a morte, surgiram também as especulações sobre a natureza dessa vida, o tipo de corpo que se teria ou em que lugar se habitaria;

– Os apocalipses exprimiam a crença na ressurreição dos mortos, isso porque muitos dos seus conterrâneos estavam morrendo debaixo da perseguição estrangeira. Os justos, em função do caráter justo de Deus, deveriam voltar à vida para receber o benefício do seu martírio;

– A esperança de um juízo final, um dia em que os justos receberiam seu prêmio e os ímpios a consequência de suas maldades⁴.

Visto desta forma, uma pergunta precisa ser levantada: Como nasceu essa maneira de descrever o mundo? Em linhas gerais, há três hipóteses sobre a origem da apocalíptica⁵. Uma delas entende que ela surgiu de tradições persas, sendo completamente estranha aos autores anteriores de Israel; outra argumenta que ela veio da tradição sapiencial de Israel; e uma terceira a liga ao profetismo clássico de Israel. Apesar de as três vias (tradições persas, sabedoria e profecia) terem a sua considerável possibilidade, a relação da apocalíptica com a profecia nos ajuda a compreender melhor o movimento de Jesus.

A profecia foi um fenômeno muito específico do antigo Israel, com seu fim situado pouco depois do exílio babilônico. Isso não impediu, entretanto, que algumas figuras continuassem a se intitular profetas do Altíssimo. Nos tempos do Novo Testamento, João Batista e o próprio Jesus assim se proclamaram, com o amplo apoio, ao que tudo indica, dos seus discípulos.

Mas o que era um profeta? Este personagem surgiu com o aparecimento da monarquia em Israel e tinha como missão descrever e interpretar a atuação de Deus na história do povo. Segundo Hanson, os profetas eram especialistas em relacionar os elementos cósmicos da divindade com os fenômenos históricos⁶.

A mais consistente aplicação dessa visão profética numa só obra aparece no produto do historiador deuteronomista. Sua estrutura se baseia rigorosamente no esquema de promessa e cumprimento. Infelizmente, os anos de crise que se seguiram após Josias a deixaram vulnerável. O profetismo que nasce dessa crise tem um grau acentu-

4. D.S. Russell. *Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 125-132.

5. Daniel Sotelo. “Origem da apocalíptica”. In: Jaci Correia Maraschin (ed.). *Apocalíptica*, São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1983, p. 17.

6. Paul D. Hanson. “Apocalíptica no Antigo Testamento: um reexame”. In: *Apocalipsismo*. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 40.

ado de pessimismo, como se nota em Jeremias 11. Para este profeta, o recurso do arrependimento é inútil, porque a maldição da lei já foi lançada em função da quebra da aliança por parte do povo. O profetismo deixa de pregar para produzir arrependimento, e assume a mensagem de dias ruins que estariam pela frente.

Duas novidades aparecem. Uma visão pessimista da história de Israel (uma cadeia contínua de fracassos) e a convicção de que apenas uma intervenção radical poderia restabelecer a aliança. Estão lançadas duas bases fortes para a apocalíptica.

Após Jeremias, já no exílio, Ezequiel ainda segue a tradição profética clássica, integrando nas suas elaboradas visões cósmicas de Deus os acontecimentos e as instituições da esfera histórica. Isso significa que ele é responsável por prolongar a tradição profética para dentro do período exílico. Ao mesmo tempo, é responsável por exercer grande influência sobre círculos apocalípticos no que tange a estilo e forma.

Se Jeremias contribuiu para a apocalíptica com seu pessimismo e Ezequiel com o estilo, os livros do Dêutero e do Trito-Isaías trouxeram a contribuição definitiva. Para o Dêutero-Isaías (Is 40–55), foi o próprio Deus que entregou Israel para a derrota. Em Isaías 51,9-11, por exemplo, o mito da vitória de Baal sobre Raab/Yam é conectado com a vitória divina sobre o faraó no mar. Um evento primordial do passado de Israel é usado para indicar a volta iminente dos remidos para Sião. Há uma concatenação entre o primevo-passado e o histórico-futuro que dá significado cósmico aos eventos.

No período do Trito-Isaías (Isaías 56–66), os exilados voltaram e as tensões entre os grupos pós-exílicos aumentaram. Dois partidos principais são discerníveis: um grupo de liderança sadoquita, proveniente da Golá, que colocava suas esperanças de restauração no programa de Ezequiel 40–48; e um grupo misto que compreendia seguidores do Dêutero-Isaías. O partido do templo não entendia o juízo como iminente, e se concentrava na restauração do culto no Templo. Em contrapartida, o grupo que produziu o Trito-Isaías (bem como o Apocalipse de Isaías) se tornou tão pessimista que a ordem mundana tomou características incompatíveis com sua esperança de restauração: “Por isso está longe de nós a justiça, e a retidão não nos alcança; esperamos pela luz, e eis que há só trevas; pelo resplendor, mas andamos na escuridão” (Is 59,9). Eles não eram mais representantes do povo de Israel, nem seus porta-vozes. Eram membros de uma minoria sectária.

Neste momento, já se está na fase inicial da apocalíptica. E com isso Daniel já tem tudo o que precisa para se expressar. Segundo Hanson,

o contexto social de Daniel é análogo àquele que podemos verificar por detrás de Trito-Isaías. Particularmente os capítulos 7-12 estão intimamente relacionados com a fé dos hassideus durante a revolta dos macabeus. À semelhança das comunidades de Isaías e de Dêutero-Isaías, trata-se também em Daniel de uma minoria visionária que vive em opressão num mundo aparentemente caído nas mãos dos inimigos de Javé, o que os convence de que o cumprimento das promessas de Javé não mais pode ser previsto dentro da ordem existente. Agarran-

do-se à sua visão, a comunidade de Daniel espera passivamente pela intervenção de Javé⁷.

Ainda em torno dos conflitos das comunidades judaicas do segundo século, surgiu 1 Enoque 1-36. Esta obra e Daniel surgem como os mais antigos apocalipses judaicos. Exatamente por isso, acabaram influenciando os que vieram depois. Ambos têm sua forma bem característica de revelação: Daniel recebe visões que são interpretadas por um anjo. Já Enoque recebe sua revelação através de visões oriundas de uma jornada celestial⁸. Em torno desses elementos, Collins constrói uma lista das obras apocalípticas da tradição judaica:

Apocalipse sem jornada celestial

Daniel 7–12; O Apocalipse Animal; O Apocalipse das Semanas; Jubileus 23; 4Esdras e 2Baruque.

Apocalipse com jornada celestial

1 Enoque 1-36; As Similitudes de Enoque; O livro dos Luminários Celestiais; 2 Enoque e Testamento de Levi 2-5; Apocalipse de Abraão; 3 Baruque; Testamento de Abraão 10-15 e Apocalipse de Sofonias.

Não se trata, entretanto, de uma continuidade histórica entre grupos religiosos, mas de uma mesma perspectiva escatológica representada por diferentes círculos judaicos.

O movimento de Jesus

Falar de Jesus é se referir a uma pessoa concreta que viveu e morreu na Palestina durante o governo romano no início da Era Comum. Estudiosos de sua vida, de uma maneira geral, concordam que as principais fontes sobre suas ações, seu ensino e suas palavras estão em obras de seus seguidores, que contêm tanto material historicamente seguro (memórias que retrocedem diretamente a Jesus) quanto historicamente incerto (interpretação dos autores e discípulos). Isso significa que a tarefa do pesquisador de Jesus é analisar este complexo de memória e interpretação, a fim de distinguir o que poderia ser atribuído ao próprio Jesus e o que teria nascido de uma progressiva elaboração do cristianismo primitivo.

Na busca pela história subjacente aos escritos produzidos pelas comunidades dos seguidores de Jesus, talvez os eventos com maior grau de probabilidade histórica sejam justamente aqueles que mais dificuldade trouxeram para essas mesmas comunidades. Dentre eles, pode-se mencionar a morte de Jesus na cruz, por se tratar de morte vergonhosa, e o batismo no Jordão por João Batista.

7. Paul D. Hanson. “Apocalíptica no Antigo Testamento: um reexame”..., p. 54-55.

8. John J. Collins. “The jewish apocalypses”..., p. 30.

Nesta discussão sobre o que é autêntico e o que não é, um dos temas mais importantes está relacionado com a expectativa escatológica de Jesus. A discussão não é nova. Na prática, retrocede a Johannes Weiss (*Die predigt Jesu vom Reiche Gottes*. Göttingen, 1892). Ele parece ter sido o primeiro estudioso do Jesus histórico a entendê-lo como um profeta apocalíptico. Denominá-lo desta forma, assim, é vê-lo inserido dentro da extensa tradição apocalíptica judaica.

Pouco depois de Weiss, em 1906, Albert Schweitzer publicou *Von Reimarus zu Wrede: eine Geschichte der Leben-Jesu-Forschung*, aceitando essa mesma interpretação do fenômeno Jesus⁹. A orientação escatológica seria realmente um dos elementos centrais da mensagem do homem de Nazaré. Para ele, o dito paradigmático encontra-se em Mateus 10,23: “Se vos perseguirem numa cidade, fugi para uma outra. Em verdade vos digo: não acabareis de percorrer as cidades de Israel antes que volte o Filho do Homem”. Através deste dito, Schweitzer entendeu que Jesus não instrui seus discípulos para passar seus ensinamentos, mas para avisar da urgência do arrependimento; vê a missão dos doze como o início do fim; e avisa aos discípulos que eles enfrentariam perseguição como parte da tribulação dos últimos dias.

Schweitzer e Weiss foram muito influentes e marcaram a forma como se compreendeu o Jesus histórico por várias décadas. Dentre os autores que os acompanharam, de uma forma ou outra, pode-se mencionar Rudolf Bultmann, Günther Bornkamm, W.G. Kümmel e Joachim Jeremias.

Essa relação íntima de Jesus com a apocalíptica poderia ser demonstrada por alguns elementos¹⁰:

– Várias passagens de fontes diferentes mostram que antigos seguidores de Jesus pensavam o clímax escatológico como imediatamente perto (At 3,19-21; Rm 13,11; 1Cor 16,22; Hb 10,37; Tg 5,8; 1Pd 4,17; Ap 22,20). É muito provável, então, que isso seja influência do próprio Jesus;

– Jesus esteve diretamente associado com João Batista, cuja fala pública, segundo os evangelhos sinóticos, fazia freqüentes alusões ao julgamento escatológico, concebido como iminente. Isso significa que, para reconstruir um Jesus sem qualquer relação com a apocalíptica, seria preciso uma descontinuidade com seu antecedente imediato, bem como com uma parcela significativa do movimento cristão posterior;

– Os evangelhos canônicos, tradições em Atos e as cartas de Paulo são unânimes em ver a morte de Jesus como a ocorrência de um evento escatológico (Mc 1,6; At 2,24; Rm 10,9; 1Ts 1,10);

– Segundo Marcos 15,33, quando Jesus morreu, surgiram densas trevas; para Mateus 27,51-53, apareceram fortes terremotos e uma ressurreição de mortos. Pela perspectiva do evangelista João, com a morte de Jesus ocorreu o julgamento do mundo

9. Albert Schweitzer. *A busca do Jesus histórico*. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 434.

10. Dale C. Allison. “Jesus was an apocalyptic prophet”. In: Robert J. Miller (ed.) *The apocalyptic Jesus*. Santa Rosa: Polebridge Press, 2001, p. 20-24.

(Jo 12,31) e a queda do reino de Satã (Jo 16,11). Já Paulo vê Jesus como primícias dos mortos (1Cor 15,20). Estas passagens indicam o hábito dos primeiros seguidores de associar a morte de Jesus com a intervenção escatológica;

– A Palestina, no primeiro século, esteve dominada por escatologia profética judaica e escritos apocalípticos. Não apenas apocalipses tradicionais circulavam amplamente, como Isaías 24–27, Daniel e Zacarias 9–14, mas também livros como 1 Enoque, Oráculos Sibilinos e Testamento de Moisés. Além disso, era o tempo dos manuscritos de Qumran, com altas expectativas escatológicas. Ou seja, a escatologia apocalíptica florescia nos tempos de Jesus. Dizer, então, que Jesus era um profeta apocalíptico é indicar que ele agia como muitos do seu tempo, como um homem da sua própria geração;

– Várias passagens do Novo Testamento comparam Jesus com alguns profetas apocalípticos contemporâneos. Em Lucas 7,33-34, Jesus é comparado a João Batista. Em Marcos 6,14, Herodes Antipas diz que Jesus era o Batista ressuscitado. Marcos 8,28 reporta que as pessoas viam Jesus como o Batista. Segundo Atos 5,35-39, Gamaliel comparou Jesus e seus seguidores com Teudas e seu movimento, bem como com Judas o Galileu e seu movimento. Tanto o Batista quanto Teudas e Judas eram líderes de grupos movidos por expectativas escatológicas ou esperança na restauração de Israel a curto prazo;

– Uma série de temas, por serem recorrentes, indica que os grupos cristãos, de forma consistente, interpretaram Jesus escatologicamente:

- o Reino de Deus;
- recompensa futura;
- julgamento futuro;
- sofrimento ou perseguição dos santos;
- vitória sobre poderes do mal;
- compreensão de que coisas novas já estão aqui e agora;
- a importância de João, o Batista.

Ou seja, a forma como Jesus leu sua própria época, alimentado por elementos da apocalíptica, acabou gerando uma Igreja marcada também por elementos apocalípticos. Foi isso que levou Käsemann a afirmar que o apocalipsismo é o pai de toda a teologia cristã¹¹.

A mensagem de Jesus

João Batista veio imediatamente antes do surgimento de Jesus. Seu ministério era do tipo escatológico. Ele se via vivendo os dias que antecederiam o juízo de Deus. Sua missão era reunir, através do batismo, os que estivessem arrependidos para com-

11. Ernst Käsemann. “Os inícios da teologia cristã”. In: *Apocalipsismo*. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 249.

por o povo escatológico de Deus, preservando-os, assim, da condenação do juízo final. Em termos práticos, João era um profeta apocalíptico¹².

Muitos vinham até ele para serem batizados. Entre estes, em algum momento, esteve Jesus. Após um período de ministério conjunto difícil de ser definido pela escassez das fontes, cada profeta seguiu o seu caminho, apesar de suas mensagens apresentarem importantes paralelos. Como o Batista, Jesus convida para o arrependimento, frisando a urgência deste apelo, já que o julgamento de Deus está perto. Ambos rejeitam a esperança política de Israel diante dos pagãos. Se Israel não se arrependesse, seria condenado também.

A mensagem de Jesus indicava que Deus estava para falar definitivamente, pela última vez. O fim estava chegando. É exatamente por isso que sua mensagem é urgente. Sua pregação é um evento escatológico.

Esta idéia culmina na crença de que o mal ainda deverá atingir um grau máximo antes que venha o fim dos dias. Os últimos dias seriam precedidos por uma grande crise, uma grande tribulação, onde o mal atingiria o ápice do seu poder. É neste sentido que cada expulsão de demônio operada por Jesus representa uma antecipação da vitória definitiva sobre o mal, a acontecer na era salvífica.

Para Jesus, o Reino de Deus era um conceito escatológico. Alguns dos seus discípulos não experimentariam a morte até que vissem o Reino de Deus vir em força. Era um evento futuro, geralmente precedido do juízo de Deus. Mas, além de ser futuro, esse reino viria repentinamente.

Há duas sínteses apocalípticas nos Evangelhos Sinóticos. A primeira aparece em Marcos 13, ampliada posteriormente em Mateus 24 e Lucas 21. É uma profecia das desgraças que viriam antes do tempo da salvação. Nela, a ênfase está nos sinais prévios.

A segunda se encontra em Lucas 17. Nela, Jesus se recusa a revelar quando virá o fim. A única coisa que se pode dizer sobre ele é que virá repentinamente, quando menos se esperar. Aqui, a ênfase está na repentinidade do fim.

Possivelmente, apenas o segundo (Lc 17) é genuinamente de Jesus. O outro parece ser produto da ênfase das comunidades cristãs posteriores, como evidenciado pela carta de Paulo aos Tessalonicenses (1 Ts 4, 13s) e pelo Apocalipse de João. A ênfase nos sinais prévios era uma forma de tranquilizar as igrejas que enfrentavam o problema da demora da parusia.

Segundo Lucas 17, Jesus falou de uma última abominação ocorrida no templo e da sua destruição. Apenas aqueles que resistirem serão salvos. Apesar de esperar para um tempo breve a derradeira intervenção divina, o próprio Jesus abriu a possibilidade de Deus encurtar ou alongar o tempo da angústia, por causa dos eleitos que clamam por ele. Deus poderia ampliar o prazo, se ele assim o quisesse.

12. Joachim Jeremias. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: [0]Paulinas, 1980, p. 72-73.

Para Jesus, quando a perseguição atingisse o clímax, cumprir-se-ia a profecia de Daniel 7. O Filho do Homem apareceria em glória, com anjos, para trazer o julgamento de Deus e a vitória dos santos.

Em suma, Jesus parece ter sido um judeu visionário apocalíptico que demandou arrependimento diante de uma crise escatológica, que interpretou sua própria pessoa e ministério em termos de cumprimento da Escritura judaica. Ele se apropriou, entre outros elementos, da extensa tradição judaica apocalíptica, adaptando-a e remodelando-a também em função da maneira como encarou sua própria vida e missão. E que missão era essa? Diante do drama cósmico, preparar as pessoas para o final escatológico.

Bibliografia

ALLISON, Dale C. “Jesus was an apocalyptic prophet”. In: MILLER, Robert J. (ed.). *The apocalyptic Jesus*. Santa Rosa: Polebridge Press, 2001.

COLLINS, John J. “The Jewish Apocalypses”. In: *Semeia*. Atlanta, 1979, n. 14, p. 21-59.

COLLINS, John J. *The Apocalyptic Imagination: an Introduction to the Jewish Matrix of Christianity*. New York: Crossroad, 1989.

COLLINS, John J. “Introduction: towards the morphology of a genre”. In: *Semeia*. Atlanta, 1979, n. 14, p. 1-19.

HANSON, Paul D. “Apocalíptica no Antigo Testamento: um reexame”. In: *Apocalipsismo*. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 35-60.

JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1980.

KÄSEMANN, Ernst. “Os inícios da teologia cristã”. In: *Apocalipsismo*. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 231-251.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

RUSSELL, D. S. *Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus histórico*. São Paulo: Novo Século, 2003.

SOTELO, Daniel. “Origem da apocalíptica”. In: MARASCHIN, Jaci Correia (ed.). *Apocalíptica*, São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1983, p. 17-21.

Valtair Miranda
Rua Conde de Bonfim, 897/402
20530-000 Rio de Janeiro, RJ
valtairmiranda@gmail.com